

A Busca de Deus

Graus de fé em Deus

A maioria das pessoas nem suspeita da verdadeira existência de Deus e é natural não estar muito interessada Nele. Existem certas pessoas que, por influência de princípios religiosos, pertencem a esta ou aquela crença e adquirem do seu ambiente a fé na existência de Deus. A fé delas só é forte o suficiente para mantê-las presas a certos rituais, cerimônias ou credos e só raramente possui a vitalidade necessária para efetuar uma mudança radical em toda a atitude dessas pessoas em relação à vida. Há ainda outras que são propensas a filosofar, tendo inclinação para acreditar na existência de Deus por causa de suas próprias reflexões ou das afirmações dos outros. Para elas, Deus é, quando muito, uma hipótese ou uma idéia intelectual. Tal fé morna, em si mesma, nunca será estímulo suficiente para se iniciar uma séria busca de Deus. Tais pessoas não sabem sobre Deus através do conhecimento pessoal e, para elas, Deus não é objeto de intenso desejo ou empenho.

O verdadeiro aspirante procura o conhecimento direto das realidades espirituais

Um verdadeiro aspirante não se contenta com o conhecimento das realidades espirituais baseado no ouvir dizer nem se satisfaz com simples conhecimento dedutível. Para ele, as realidades espirituais não são objetos de pensamentos inúteis e a aceitação ou a rejeição destas realidades estão repletas de implicações significativas para sua vida interior. Por esta razão, é natural que ele insista no direto conhecimento delas. Uma ocorrência na vida de um grande sábio ilustra este fato. Certo dia, o sábio discutia assuntos espirituais com um amigo que era muito avançado no caminho espiritual. Enquanto conversavam, suas atenções foram voltadas para um defunto que estava sendo carregado, ali por perto. “Isto é o fim do corpo, mas não da alma” comentou o amigo. “Você viu a alma?” perguntou o sábio. “Não” respondeu o amigo; então, o sábio permaneceu cético sobre a alma, pois insistia no conhecimento pessoal.

O aspirante tem a mente aberta

Embora o aspirante não consiga se contentar com conhecimento de segunda-mão ou meras adivinhações, não fecha a mente à possibilidade de que possam existir realidades espirituais as quais ele mesmo não vivenciou. Em outras palavras, ele está ciente das limitações de sua própria experiência individual e abstem-se de torná-la medida padrão de todas as possibilidades. Tem uma mente aberta para todas as coisas que estão além da extensão de sua experiência. Embora não as aceite por ouvir dizer, também não se apressa em negá-las. A limitação da experiência geralmente tende a restringir o alcance da imaginação; assim, a pessoa passa a acreditar que não existam outras realidades além daquelas que tenham ocorrido dentro do horizonte de suas experiências passadas. Porém, é comum alguns incidentes ou acontecimentos na sua própria vida fazerem com que ela escape de seu cerco dogmático, tornando-se uma pessoa realmente receptiva.

Estória ilustrativa

Esta fase de transição também pode ser ilustrada pela estória da vida do mesmo sábio, que por acaso também era um príncipe. Alguns dias após o incidente mencionado acima, enquanto cavalgava em seu cavalo, um pedestre veio em sua direção e, como a presença do pedestre bloqueava a passagem do cavalo, o sábio ordenou com arrogância que o homem saísse do caminho. Como o pedestre se recusou, o sábio desmontou do cavalo e a conversa que se seguiu

foi a seguinte: “Que é você?” o pedestre perguntou. “Eu sou o príncipe.” respondeu o sábio. “Mas eu não o conheço para saber que você é o príncipe”- disse o pedestre e continuou, “Eu acreditarei somente quando eu souber que você é o príncipe e não de outro modo.” Esse encontro fez com que o sábio despertasse para o fato de que Deus pode existir mesmo que ele não o conheça por experiência própria, do mesmo modo que ele realmente era um príncipe, embora o pedestre não o conhecesse pessoalmente por experiência própria. Agora que sua mente estava aberta à possível existência de Deus, ele se incumbiu a sério da tarefa de decidir sobre aquela questão.

Uma pessoa comum é indiferente à existência de Deus

Deus existe ou não. Se existe, a busca de Deus é plenamente justificada. E se não existe, não se perde nada ao procurar por Ele. Porém, o homem geralmente não sai em busca de Deus por iniciativa voluntária e feliz. Ele tem que ser levado à essa busca pela desilusão daquelas coisas mundanas que o seduzem e das quais ele não consegue desviar a mente. A pessoa comum está completamente absorta em suas atividades do mundo da matéria. Vive através de diversas experiências de alegrias e de tristezas, sem nunca suspeitar da existência de uma Realidade mais profunda. Tenta da melhor maneira possível ter os prazeres dos sentidos e evitar os tipos diferentes de sofrimento.

Ocasões que provocam reflexão

A filosofia do indivíduo comum é “Comer, beber e se divertir”. Mas, apesar da sua busca incessante do prazer, ele não consegue evitar o sofrimento inteiramente; e mesmo quando consegue ter prazer dos sentidos, estes geralmente o deixam saciado. Assim, enquanto ele passa pela rotina diária de diversas experiências, geralmente aparece alguma ocasião em que ele começa a se perguntar, “Qual é o objetivo de tudo isso?”. Tal pensamento pode resultar de algum acontecimento adverso, o qual a pessoa não estava mentalmente preparada. Pode ser a frustração de alguma expectativa que parecia certa ou uma mudança importante em sua situação que demanda um reajuste radical e a desistência de determinado modo de pensamento e de conduta. Geralmente, tal ocasião resulta da frustração de algum desejo ardente e profundo. Se esse tipo de desejo encontra um impasse, de modo que não haja a menor possibilidade de ser realizado, a mente recebe tamanho choque que não consegue mais aceitar o tipo de vida que havia aceitado até agora sem questionar.

O poder do desespero quando solto é destrutivo

Sob tais circunstâncias, uma pessoa pode ser levada a um total desespero e, se o tremendo poder gerado por essa perturbação da mente ficar sem controle e sem direção, pode até levar a um sério transtorno mental ou a uma tentativa de suicídio. Tal catástrofe domina aquela na qual o desespero se alia a irreflexão, pois ela permite que o impulso tenha livre e total controle. O poder do desespero quando solto só pode trazer destruição. O desespero de uma pessoa ponderada, sob circunstâncias parecidas, traz resultados inteiramente diferentes porque a energia liberada é restringida com inteligência e direcionada a um determinado propósito. No momento de tal desespero *divino*, a pessoa toma a importante decisão de descobrir e compreender o objetivo da vida. Então, começa a verdadeira busca dos valores duradouros. Dali em diante, a pergunta urgente que se recusa a calar é, “A que leva tudo isso ?”

Desespero Divino - o começo do despertar espiritual

Quando a energia mental de um indivíduo fica assim concentrada em descobrir o objetivo da vida, ele usa o poder do desespero de maneira criativa. Não consegue se contentar mais com as

coisas passageiras desta vida e se torna totalmente cético em relação aos valores comuns que ele, até agora, havia aceitado sem nenhuma dúvida. Seu único desejo é encontrar a Verdade a qualquer preço e não fica satisfeito com nada, exceto com a Verdade. O desespero divino é o começo do despertar espiritual porque faz nascer a aspiração à compreensão de Deus. No momento do desespero divino, quando tudo parece ruir, a pessoa decide correr qualquer risco para averiguar o que se esconde, por detrás do véu, de significante para a sua vida.

Deus ou nada

Todos os consolos costumeiros são insuficientes para ela, porém ao mesmo tempo sua voz interior se recusa a se conformar completamente com a postura de que a vida é destituída de qualquer significado. Se não pressupor alguma realidade oculta a qual não era conhecida até agora, então não haverá nada que faça valer a pena viver. Para ela, só existem duas alternativas: ou existe uma Realidade espiritual oculta, que os profetas descrevem como Deus, ou tudo é sem sentido. A segunda alternativa é terminantemente inaceitável ao todo da personalidade do homem, então ele é obrigado a tentar a primeira alternativa. Assim, o indivíduo se volta para Deus quando se vê em apuros nas suas ocupações mundanas.

Reavaliação das experiências à luz da pressuposta Realidade

Então, como não há acesso direto a esta pressuposta realidade oculta, o indivíduo examina suas experiências costumeiras procurando possibilidades realizáveis que levem a uma vida futura significativa. Assim, ele volta às suas experiências habituais com o propósito de ganhar uma luz no caminho. Isto implica olhar para tudo por um novo ângulo e requer uma reinterpretação de cada experiência. Ele não só tem a experiência, mas tenta compreender sua importância espiritual. Não está apenas preocupado com o que *é* essa experiência, mas com o que ela *significa* na marcha em direção a este oculto objetivo da existência. Toda essa reavaliação cuidadosa da experiência resulta em ganhar uma compreensão clara, a qual não lhe ocorreria antes de sua nova busca começar. A reavaliação de uma experiência corresponde a um novo pedacinho de sabedoria e cada adição à sabedoria espiritual traz necessariamente uma modificação da atitude geral em relação à vida. Então, tanto a busca de Deus puramente intelectual quanto a Realidade espiritual oculta tem suas repercussões na vida prática de uma pessoa. Nessas circunstâncias, sua vida se torna uma real experimentação com valores espirituais por ele percebidos.

Encontrar Deus é chegar ao seu Eu verdadeiro

Quanto mais o indivíduo continuar esta experimentação inteligente e vantajosa com sua própria vida, mais profunda se torna a sua compreensão do verdadeiro sentido da vida. Até que finalmente descobre que, enquanto passa por uma completa transformação do seu ser, chega a uma real percepção do verdadeiro significado da vida como ela é. Com uma clara e tranquila visão da real natureza e valor da vida, compreende que Deus, a quem tão desesperadamente buscou, não é nenhum desconhecido nem uma entidade oculta e estranha. Ele é a própria Realidade e não uma hipótese. É a Realidade percebida com uma visão clara, sem sombras, aquela mesma Realidade da qual o indivíduo faz parte e na qual tem todo o seu ser e com a qual é, na verdade, idêntico.

Assim, embora comece procurando algo totalmente novo, na realidade ele chega a uma nova compreensão de algo antigo. A jornada espiritual não consiste em chegar a um novo destino onde a pessoa ganha o que ainda não tinha ou se torna o que ela não era. Consiste na dissipação da sua ignorância no que diz respeito a si próprio e à vida, e no crescimento gradual daquela compreensão que começa com o despertar espiritual. A descoberta de Deus é a chegada ao seu próprio Eu verdadeiro.

